

## UMA PROPOSTA DE OPERACIONALIZAÇÃO DA PEDAGOGIA DO ORAL SOB O PONTO DE VISTA DA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

**Marilena Zanon<sup>1</sup>**

Doutora em Língua Portuguesa (IP-PUC-SP)

**Maria Ignez de Mello Franco<sup>2</sup>**

Mestre em Língua Portuguesa (IP-PUC-SP)

**Renata Felício Souza<sup>3</sup>**

Mestranda em Língua Portuguesa (PUC-SP)

### RESUMO

Este trabalho se propõe a realizar um estudo sobre a Pedagogia do Oral, sob o ponto de vista da Educação Linguística e apresenta uma proposta de atividade oral para o Ensino Médio. Optou-se por utilizar **ApEn** e **EnAp**, expressões que correspondem a **aprendente-ensinante** e **ensinante-aprendente**, utilizadas na obra de Palma e Turazza (2014:9), para se referirem respectivamente ao aluno e professor que, segundo elas, enfatizam “o papel ativo do aluno, que é responsável por seu aprender e, ao mesmo tempo em que aprende, também ensina. Do mesmo modo, ao se referir ao professor com a expressão ensinante-aprendente, salienta-se que o docente também aprende com os discentes”.

**Palavras-chave:** NURC. Educação Linguística. Pedagogia do Oral. Sequência Didática. ApEn & EnAp.

### Considerações Iniciais

No século XX, até a década de sessenta, a oralidade compreendia a decoração de textos poéticos ou a leitura em voz alta, com entonação, por parte do leitor. A década de setenta propiciou a construção de muitas escolas, visto o governo militar da época propor a democratização da escola e, para alcançar esses objetivos, era necessária a construção de novos espaços educacionais e a contratação de professores. Porém, a política educacional da época não conseguiu perceber que os professores, especialmente os novos na rede pública, deveriam receber formação continuada. Além disso, outras políticas deveriam reforçar essa ampliação de necessidades. Novas leis criaram a Licenciatura Curta, realizada em um ano e meio para professores que quisessem lecionar no Curso Ginásial (atual Fundamental II) e, a seguir, criada a Licenciatura, chamada Plena – em mais um ano e meio –, para quem quisesse lecionar também no Curso Colegial, tendo como pré-requisito o término da Licenciatura

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: marilenazanon@uol.com.br

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: mfranco@uol.com.br

<sup>3</sup> Endereço eletrônico: rfeliciosouza@gmail.com

Curta, portanto, com 3 anos de duração para as duas Licenciaturas. Esqueceram-se, porém, de dois fatos importantes: **a)** formação satisfatória para os professores de Licenciatura Curta; **b)** criação de cursos de extensão e aperfeiçoamento. Além de formação precipitada de professores em um ano e meio, outros arranjos rápidos e problemáticos permitiram que pessoas que não tinham conhecimentos básicos de Didática e de Pedagogia pudessem lecionar, sem constatação dos conhecimentos do “professor” naquela área.

A pedagogia do oral, uma das pedagogias específicas da Educação Linguística, tem por objetivo fazer com que o ApEn desenvolva habilidades e hábitos, como, por exemplo, respeitar a vez de falar, escutar com atenção, fazer exposições orais, fazer descrições, narrar experiências e numa conversa, saber argumentar. Pretendemos, neste artigo, mostrar a importância da entonação, intensidade, dinâmica e qualidade da voz. Ressaltaremos, também, outros meios complementares que integram a expressão oral, como a expressão facial (olhar e gestos), os sorrisos, a postura, as vocalizações (ahn, humm), indispensáveis para a boa comunicação. Este artigo é composto por quatro partes: **I) Uma síntese da história da linguagem oral; II) A linguagem oral; III) A pedagogia do oral: uma proposta do gênero Exposição Oral; IV) Uma sequência didática da exposição oral**, incluídas as Considerações Iniciais e Finais.

### **Uma síntese da história da linguagem oral**

Na segunda metade do século XX, muitas Faculdades particulares foram abertas, para a formação de professores de Licenciatura Curta, chegando algumas classes a ter cerca de 150 ou mais alunos em sala de aula. Na Licenciatura Plena, com três anos de duração, – incluindo a Curta, o número caía para 40 ou 30 alunos. Hoje, muitos desses professores de Licenciatura Curta e que não fizeram a Licenciatura Plena já se aposentaram. Muitas dessas Faculdades, por não apresentarem lucros, faliram. A procura para a carreira de Licenciatura diminuiu e as Faculdades foram, então, em busca de cursos mais rentáveis, resultando um fosso entre um ensino eficaz e um mais fraco e com muitos problemas. Aos poucos, nas escolas, a tentativa de trabalho com a oralidade ia diminuindo. Como consequência, vários estudiosos de Língua Portuguesa propuseram o ensino de Língua, focado em três grandes áreas: Leitura, Produção Textual e Gramática.

No final da década de oitenta, houve aumento de pesquisas educacionais em todas as áreas e novas leis procuravam reparar alguns desvios no processo de ensino e aprendizagem.

A LDB surgiu em 1996 e os PCN foram publicados em 1997 e 1998 para o Ensino Básico e, em 1999, publicada à parte, referente ao Ensino Médio. Atualmente, ainda de forma pouco eficaz, há preocupação com o ensino e com a aprendizagem da **modalidade oral** na escola e com o trabalho de gêneros orais formais públicos. As instituições escolares, por um lado, têm discutido o trabalho com a oralidade, mas há dificuldade em encontrar soluções para o questionamento levantado por esse tipo de atividade. Várias perguntas são feitas em reuniões pedagógicas: o que seria mais adequado para o ensino de linguagem oral? que gêneros o professor deveria selecionar para este trabalho? que metodologia deveria ser seguida? como estruturar um trabalho relevante e organizado? Por outro lado, a oralidade tem sido vista, por muitas escolas, como uma estrutura simples, informal, concreta e independente de contexto. As regras para a prática da oralidade não têm sido discutidas em profundidade.

Baseadas na nossa prática, podemos afirmar que a prática oral na escola, quando bem conduzida, permite maior entrosamento entre todos os que convivem em seu entorno: corpo gestor, funcionários, professores, alunos, pais e comunidade. A criança leva seis anos aprendendo uma modalidade oral que, muitas vezes, só é aceita em seu grupo familiar; outras vezes, ela vem com a modalidade oral aceita pelo grupo escolar, mas é somente, a partir dos seis anos que lhe é exigido que inicie a aprendizagem da outra modalidade da língua: a escrita. Sem a oralidade, a escrita lhe será mais penosa. Marchuschi (2001) apresenta uma nova visão das relações entre fala e escrita, construindo um modelo operacional para o tratamento das estratégias realizadas na passagem do texto falado para o texto escrito. Ele traz uma visão não-dicotômica das relações entre oralidade e escrita. Para esse autor, a relação entre a oralidade e a escrita se dá num *continuum* fundado nos próprios gêneros em que se manifesta o uso da língua no dia a dia. Com esse posicionamento, Marcuschi vai além dos preconceitos sobre a oralidade e propõe um novo desafio de trabalho com a fala em sala de aula. De acordo com ele (2001, p.16),

(...) uma vez adotada a posição de que lidamos com práticas de letramento e oralidade, será fundamental considerar que as línguas se fundam em usos e não o contrário. Assim não serão primeiramente as regras da língua nem a morfologia os mercedores da nossa atenção, mas os usos da língua, pois o que determina toda a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos dela.

Para Marcuschi (2001), as modalidades oralidade e escrita devem ser comparadas e relacionadas e nunca num grau de inferioridade ou superioridade, mesmo porque ambas são formas alternativas de representar a língua em modalidades diferentes nas atividades sociointeracionais. Outra questão pertinente é no sentido de que a fala e a escrita devem ser

avaliadas e entendidas dentro do contexto social, valorizando sua função na atividade de leitura em voz alta ou silenciosa, para que o sentido seja completo.

O ensino-aprendizagem da linguagem oral vem sendo discutido, com maior intensidade, desde a década de oitenta do século XX, mas a proposta ficou mais circunscrita aos PCN e a livros de linguistas, pois a transposição didática de conceitos relativos à oralidade não têm sido muito discutida, embora os professores tenham sido instados por coordenações das escolas a cumprir essa parte dos PCN. Logo, professores e estudiosos precisam operacionalizar e propor atividades sobre o ensino da Linguagem oral, enfim a Pedagogia do Oral.

### **A linguagem oral**

Nosso campo de pesquisa é o estudo da modalidade oral proposta pelos PCN e por linguistas renomados que estão em nossa bibliografia. Partimos do entendimento de que **língua** é o sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Ela pode ser realizada na fala, por meio de conversas formais ou informais e qualquer conversa pode ser vista como uma atividade que engloba dois atos dos seres humanos - a fala e a escuta. Esses atos devem ser vistos como um eixo importante do conteúdo atual de Língua Portuguesa, em todos os níveis escolares. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto de fala como de escrita, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la.

A modalidade oral tem muitos usos e várias formas que podem levar o processo de ensino-aprendizagem a muitas análises e reflexões sobre a sua própria língua materna, especialmente em atividades que sejam significativas como seminários, debates, entre muitos usos públicos. Outros aspectos também devem ser propostos na escola: entonação, dicção, gesto e postura, que complementam os sentidos dos textos. Paralelamente às práticas de leitura, de produção textual e de análise linguística, o ensino-aprendizagem da modalidade oral inicia-se no uso, mas necessita do exercício de reflexão para chegar a outro uso. Infelizmente, a modalidade oral é a menos aceita em todo o currículo escolar, por ser, aparentemente, mais espontânea do que a escrita, mas ela deve fazer parte dos bancos escolares. Ela tem regras, que procuraremos mostrar mais adiante, neste trabalho. Marcuschi (2001, p.9) afirma:

(...) conhecemos, hoje, muito mais sobre as relações entre oralidade e escrita do que há algumas décadas. Contudo, esse conhecimento ainda nem foi

satisfatoriamente traduzido para a prática. Este texto busca concretizar, pelo menos em parte, os dois objetivos - divulgação e aplicação – contribuindo, assim, para um melhor conhecimento dos usos da língua. Partindo do princípio de que são os *usos* que fundam a língua e não o contrário, defende-se de que falar bem ou escrever bem não é adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. Portanto, é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática. Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequando às práticas e à situação a que se destina.

Na modalidade oral, sempre temos, portanto, duas ações concomitantes; a fala & a escuta, que são capacidades humanas. **A fala** implica, normalmente, outra pessoa com quem se troca palavras, isto é, há no mínimo, um falante e um ouvinte em situação oral face a face e interagindo. Esses atos, para serem competentes e eficazes, necessitam de atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua; atividades de produção e interpretação de uma ampla variedade de textos orais, de observação de diferentes usos, de reflexões sobre os recursos que a língua oferece para alcançar diferentes finalidades comunicativas. Logo, ensinar a oralidade não é ensinar a fala cotidiana, mas é ensinar também a linguagem formal falada. Como qualquer outro conteúdo curricular, ela deve ser planejada e sistematizada, não sendo sempre espontânea, tendo vários usos e formas, que resultam em análises e reflexões sobre a língua materna.

Marcuschi (2001, p.21), conceitua Oralidade como uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais, fundada na realidade sonora, que vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. Ele parte do princípio de que “são os usos da língua que fundam a língua e não o contrário (op.cit.: 9).

A oralidade conceituada desse modo, permite o convívio social e a instauração de uma conversação quer informal, coloquial ou formal, como: utilização de textos instrucionais; regras de trabalho em grupo; regras de jogos; receitas, instruções de uso de material, regras para o uso da biblioteca; textos informativos didáticos; notícias de jornal falado, palestra, seminário, debate, entre outros. A língua oral é um dos eixos dos blocos de conteúdo de Língua Portuguesa. **A escuta** é a capacidade de ouvir, com atenção, os outros, diferentes sons, levando-se em conta a importância das reflexões relativas aos sentidos e às práticas sociais ou atividades próprias de atividades do dia a dia, em que tais textos aparecem. **O turno** – outro componente da oralidade, indica o momento em que um falante fala, sendo ouvido por outro. É a organização ou a ordem dos momentos da fala, constituindo um sistema ordenado, com

direitos e deveres dos interlocutores, que opera em níveis diferentes, seguindo regras que permitem a organização de turno a turno. Ele pode ser *simétrico*, quando cada interlocutor tem o mesmo espaço de tempo para falar, como em um debate público regrado. Será *assimétrico*, quando um dos interlocutores toma mais tempo do que seu interlocutor, em determinadas situações. Por isso, a organização de turno a turno, isto é, das alternâncias da fala, bem como de suas sequências, podem reger a organização estrutural da interação e podem intervir no nível da relação interpessoal. Assim, podemos afirmar que o turno deve seguir: **a)** um princípio de alternância entre os interlocutores; **b)** uma regulação da alternância; **c)** falhas do sistema de turnos.

O texto falado estrutura-se em vários níveis: **a) local:** quando a conversação é estabelecida, em turnos, cada um respeitando o momento da fala do outro; **b) global:** quando há coesão e coerência, com certas normas de organização que devem ser seguidas, por todos, mantendo o assunto ou tópico discursivo estabelecido, por meio do léxico, sintaxe, semântica e entonação, pausas, hesitação, tom de voz entre outros. Quando há o nível global, o sentido não se perde, havendo articulações entre os tópicos ou subtópicos da conversação. Mas há outros fatos que acontecem, por exemplo, uma digressão ou fuga do tema. Há maior espontaneidade em alguns textos e é possível que alguns gêneros escritos possam ser oralizados, como poesias, poemas, parlendas, canções e letras de música; histórias lidas, contos, lendas e fábulas.

A modalidade oral pode ser classificada em diferentes **gêneros orais**, pressupondo diferentes saberes: **a) linguístico**, isto é conhecimento da língua materna e das diferenças nas modalidades, oral e escrita; **b) enciclopédico**, isto é, o que queremos dizer do mundo; **c) interacional**, isto é, o conhecimento do processo de interação humana, da polidez, do respeito ao turno, portanto, ao interlocutor; a competência de selecionar adequadamente o léxico, o reconhecimento dos pressupostos, da inferência, dos subentendidos etc.

Observamos que a modalidade oral tem dimensões a serem trabalhadas na escola: **a)** valorização de textos de tradição oral, como cantigas, trava-línguas, parlendas, **b)** oralização do texto escrito, que pode conter diferentes atividades preparatórias que encaminham para o domínio da oralidade, como leitura em voz alta, recitação de poesias, teatro, após a decoração de uma peça, notícias televisivas; **c)** variação linguística, com análise e comparação entre fala e escrita; **d)** produção e compreensão dos gêneros orais. Por termos optado pelo enfoque sóciointeracional da língua, propomos também que a oralidade se complemente com a utilização de recursos gestuais, expressões faciais, voz, elementos suprasegmentais, que co-

ocorrem durante a produção da fala. Sintetizando, o texto oral: 1) é audível, espontâneo, interativo, representando um contínuo podendo ir do texto formal para o informal e/ou vice-versa; 2) sugere o respeito aos turnos e/ou consentimento de mudança de turno; permite modulação de voz para ser ouvido por todos; indica posição corporal, incluindo gestos; requer polidez no ato de modalidade oral; utiliza marcadores conversacionais, quer prosódicos, lexicais ou não lexicais; processos constitutivos dos textos: “face a face”; interação com um interlocutor invisível.

**Os interlocutores**, isto é, os falantes precisam reconhecer também: *o canal* em que estão operando (telefone, internet, outros); *os critérios formais* (diálogo, contação de histórias, resumo, debate, entrevista); *a natureza do conteúdo* (piada, comentário, apartes); *a natureza da informação*; *o nível de linguagem* apropriado; *o tipo de situação*; *a relação* existente entre os participantes; *a natureza* dos objetivos. Em situações mais espontâneas da conversação **o tópico ou assunto** deve ser mantido sempre; a **situação** acontece normalmente face a face, observando as atividades verbais e não verbais de seu interlocutor e pode ser mais ou menos formal ou informal; **os participantes** exercem diferentes papéis sociais, **o modo** pode ser formal ou informal e **o meio** pode ser face a face, internet, telefone. Para que se instaure uma conversação, temos de nos utilizar de seus elementos fundamentais: **a)** realização ou produção da fala; **b)** interação com os outros falantes e/ ou emissores, sendo a interação uma habilidade de que dois ou mais falantes têm de falar alternadamente, procurando realmente seguir e respeitar essa troca mútua, emissor e receptor sincronizados internacionalmente, durante a fala (cf. Orecchioni (2006, p.10-13). Ela pode ser verbal: conversação familiar, conversas de diferentes gêneros, debates, transações comerciais, trocas científicas; não verbal: interações como circulação, dança, esportes coletivos ou mistas: conjunto de interações verbais e não-verbais. O planejamento da fala, das intervenções orais e da apresentação de exposições orais são muito importantes porque trabalhamos com interações que exigem defesa de pontos de vista, mobilizando a capacidade de construir argumentos em situações que demandam atitude responsiva, podendo ser exercitado o respeito pelos turnos de fala (aceitação ou discordância).

Para Kerbrat-Orecchioni (2006), **Polidez** (p.76) é uma característica das interações verbais, um forte elemento linguístico. Pode ser definida como os aspectos que envolvem o discurso que seguem regras sociais, tendo por função preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal. Quanto à **Gramática** (p.52), a modalidade oral tem também uma organização conversacional. Ela tem alternâncias, com regulagem, mas tem também

princípios de coerência interna, possuindo níveis: **a) global** que reconstitui o desenvolvimento da interação, por meio do *script* ou cenário; **b) nível local** que expressa o encadeamento dos diferentes constituintes dos diálogos, permitindo a interação, quando há a efetiva troca comunicativa. Logo, a gramática do oral estuda a interação e o material verbal, sugerindo as sequências possíveis, as trocas, as intervenções e os atos de fala, as formas de tratamento e as relações de “lugar” entre os interlocutores.

Kerbrat-Orechioni (2006) descreve **material verbal, paraverbal e não-verbal** (p.36). O primeiro, diz respeito a unidades que derivam da língua sob a forma oral: fonológicas, lexicais e morfossintáticas; o segundo - **paraverbal (prosódico e vocal)** - foca unidades transmitidas pelo *canal auditivo (escuta)* entonações, pausas, intensidade articulatória, elocução, particularidades da pronúncia, características da voz e o **não-verbal**, aborda unidades transmitidas pelo canal visual: *signos estáticos* (rugas, bronzeamento, roupas, acessórios, maquiagem, idade, sexo, aparência sociocultural entre várias outros); *cinéticos lentos*, como atitudes e posturas e *cinéticos rápidos*, tais como jogos de olhares, das mímicas e dos gestos.

Resgatando Fávero, Andrade e Aquino (1999, p.31), outros aspectos são muito importantes serem trabalhados, pois “**a coesão e a coerência** constituem fatores básicos da textualidade”. A **coesão** “revela-se, às vezes, por meio de marcas formais na estrutura linguística, manifestando-se na organização sequencial dos textos sendo percebida na superfície textual em seus aspectos léxico, sintático e semântico” (p.33). Já “**a coerência** envolve fatores de ordem cognitiva, linguística e interacional. Está relacionada à boa formação do texto e se estabelece a partir de uma unidade de sentido.” (p.34)

Em síntese, a construção do texto falado é complexa, principalmente pela grande quantidade de atividades que o locutor realiza com vistas à produção de sentido e ao domínio de um conjunto de regras, sejam sociais ou do próprio sistema. Devemos, ainda, dizer que a modalidade oral tem um **contexto** (Fávero, Andrade e Aquino, 1999, p.25), também chamado de situação comunicativa que compreende tanto o lugar espaço-temporal da conversação, quanto o objetivo da conversação, número de participantes (características individuais, relações mútuas); os papéis dos interlocutores: emissor, falante; diferentes tipos de receptores: participantes reconhecidos, simples espectadores, “os intrusos” moderador, entre outros.

### **A Pedagogia do oral: uma proposta do gênero Exposição Oral**



De acordo com Palma e Turazza (2012), a pedagogia do oral “focaliza o ensino de gêneros orais, formais e informais, em diferentes contextos sociais, de forma sistemática, com base no conhecimento científico produzido nessa área. Visa a formar o usuário competente em situações comunicativas orais, formais ou informais”. Para essas estudosas, o EnAp do século XXI precisará trabalhar com o princípio de flexibilidade, ou seja, preparar respostas adequadas em situações diferentes de aprendizagem e de ensino.

Segundo Schneuwly e Dolz (2004, p.217-218), em “ Sentido didático da exposição oral- Características gerais do gênero”:

A exposição é um discurso que se realiza numa situação específica que poderíamos chamar de *bipolar*, reunindo o orador ou expositor e seu auditório...” Finalmente, podemos definir a exposição oral como um gênero textual público, relativamente formal e específico, no qual um expositor especialista dirige-se a um auditório, de maneira (explicitamente) estruturada, para lhe transmitir informações, descrever-lhe ou lhe explicar alguma coisa, Na perspectiva do ensino, em que se trata de construir um objeto ensinável, é sobre essas características que nos apoiaremos para definir os objetivos e elaborar modalidades de ensino. “(218).

Os autores indicam ainda que a exposição oral tem dimensões ensináveis, como a situação de comunicação, a organização interna da exposição e o planejamento dela. Assim também consideramos e pretendemos mostrar caminhos possíveis para o trabalho desse gênero na escola.

Às aulas e/ou aos cursos devem sempre preceder um planejamento, com objetivos do processo, conteúdo, metodologia, explicitação das regras de trabalho, avaliação e recursos necessários. A seleção do conteúdo escolar baseia-se em escolha de gêneros textuais, apropriados para a faixa etária ou designada pelo projeto pedagógico da escola.

Antunes (2009) aponta que o professor junto com os alunos promove a pesquisa, observa, levanta hipóteses, analisa, reflete, descobre e aprende, reaprende, permitindo que os ApEn tenham também o direito da fala, trazendo à tona potencialidades para a expressão de suas ideias e defesa de seus pontos de vista e, assim, garantir seus direitos de cidadania. Dessa forma, o EnAp é o mediador da produção oral do ApEn, resgatando os conhecimentos prévios do aluno e é o mestre quem propicia o primeiro contato com o gênero oral, mediante a uma exposição, em sala de aula. Há diferentes gêneros utilizados, na escola infantil ou nos primeiros anos escolares: cantigas de roda, músicas, rimas infantis, contação de histórias entre outros, sempre auxiliados por cartazes ou desenhos, motivando a conversação e desenvolvendo atitudes como falar e ouvir e de polidez com dimensão multimodal com recursos gestuais, expressões faciais e voz.

Nos anos finais do Fundamental I e no Fundamental II, substituímos ou acrescentamos outros gêneros, acompanhados de exposição oral: bilhetes, relato, histórias, vivência dos alunos, troca de experiências, depoimentos, discussão em grupos, declamação poética, feira cultural a partir do 3º, ano, pequenos debates, entrevistas, fábula, lendas, notícias, parlendas, provérbios. Para os mais adiantados: receitas, regras de jogo, instruções, reportagem, narração, descrição, dissertação, anúncios, propagandas, autobiografia, atividades que estimulam a reflexão sobre o vocabulário, autobiografia. A escola auxilia nesse processo e busca promover atividades que valorizam a troca de experiências entre alunos e professores e a integração família X escola, por meio de saídas pedagógicas, feiras de ciências ou artes, situações cujo aluno é colocado como protagonista e objetiva mostrar o resultado das atividades desenvolvidas ao longo do ano.

No ensino médio, foco deste artigo, indicamos: exposição oral, vivência dos alunos, troca de experiências, depoimentos, discussão em grupos, debates, entrevistas, notícias, reportagem, dissertação, anúncios, propagandas, seminários, entrevistas, programas de rádio, narração de um jogo, discursos políticos gravados, seminário, feiras, apresentação de pessoas, entre outras possibilidades.

Neste trabalho, optamos pelo gênero exposição oral, a Covid-19 – doença causada por um vírus da família dos coronavírus – que envolveu o planeta Terra, mundialmente comentado, desde o mês de março de 2020, propondo-o aos alunos do Ensino Médio. A exposição oral foi escolhida, porque ela é utilizada em todas as disciplinas do Ensino Médio e consta de atividades variadas como pesquisa, permitindo trabalho com grupos de classes e possibilitando um conhecimento mais aprofundado do tema, isso é, um saber efetivo. O trabalho proposto deve ser interdisciplinar, integrando outras disciplinas que se utilizam, também da exposição oral, com conteúdos, métodos e conhecimentos próprios, como, **Biologia** (conhecimento dos termos técnicos e científicos, cuidados com uso de máscaras e higiene), **Geografia** (caminhos que a doença percorreu, desde seu início), **História** (pesquisa das diferentes pandemias ao longo dos séculos), **Física** (Quarentena de Newton, que teve isolamento social tão produtivo que ficou conhecido como ‘o ano das maravilhas’, no século XVI), **Filosofia** (reconhecer a filosofia no cotidiano); **Sociologia** (ação social, indústria cultural, estratificação social, fenômenos sociais).

Estratégias da oralidade devem ser propostas, para que os grupos conheçam quais são as reais características da exposição, pressupondo o conhecimento do que seja turno, o respeito, polidez e, especialmente o binômio fala e escuta. Atividades, como pequenos

diálogos, exigem a simultaneidade de fala e de escuta do grupo-classe e poderão ser motivação para o processo de ensino-aprendizagem. Elas implicam modulação da voz, posição corporal e até gestos, requerendo uma estrutura de início e término, havendo controle do tempo da fala. Utilizam-se de marcadores conversacionais - prosódicos, lexicais ou não-lexicais, realizando-se “face a face”, na interação com os interlocutores. A oralidade deve ser na variante-padrão, operando sobre os módulos discursivos, semântico e gramatical e deve ter um nível apropriado de linguagem.

O objetivo do ensino da modalidade oral é, quase sempre, o desenvolvimento das habilidades linguísticas de falar e de escutar, seleção de material de suporte necessário, como fontes de pesquisa, esquemas, tabelas, vídeos, entre outras possibilidades e uma boa pesquisa bibliográfica especializada. A exposição oral pressupõe, também, diferentes momentos do processo, por parte dos ApEn: **1)** conhecimento da especificidade do trabalho; **2)** reconhecimento e domínio das competências linguísticas: discursiva, textual, interdiscursiva, pragmática e situacional; **3)** conhecimento dos recursos orais linguísticos da fala cotidiana; **4)** ação anterior à construção ativa de uma apresentação oral, seleção de material a ser consultado e monitoramento dos alunos pela mediação do professor para que atinja seus objetivos; **5)** socialização dos conteúdos apreendidos, por meio de cartazes, gravação, esquemas, projeção em *powerpoint* ou outros recursos, para que os colegas-ouvintes se apossam dos conhecimentos apresentados e possam realizar proposta final da produção de um texto escrito, que é exigido ao final do trabalho de oralidade proposto.

A exposição oral na escola exige, porém, diversas outras providências, que devem ser discutidas por todos: **a)** divisão da classe em grupos e escolha de subtemas, permitindo que todos participem das atividades de uma maneira ou de outra; **b)** discussão do respeito e dos procedimentos que se deve ter na apresentação oral de cada grupo; **c)** respeito ao turno; **d)** manutenção do tema; **e)** uso da variante padrão e escolha de bibliografia pertinente; **f)** arrumação do espaço de modo que toda a classe se veja concomitantemente; **g)** apresentação do grupo, seguindo as regras da exposição oral, fala clara e audível; olho nos olhos dos participantes, evitando movimentos e gesticulação excessiva; **g)** uso de material auxiliar; **h)** marcação do tempo para a apresentação; **i)** avaliação da apresentação do grupo, pelos colegas, seguindo as regras da exposição oral. Ressaltamos que o EnAp deve propor, sempre, atividades que estimulem a produção dos gêneros orais com diálogos e busca do desenvolvimento de atitudes: falar, ouvir, turno, polidez e com dimensão multimodal: recursos gestuais, expressões faciais, entonação de voz. Por último, o processo de avaliação

de atividades de fala e de escuta (similar às habilidades de leitura) deve levar em conta a fluência, a criação, o uso do léxico, os argumentos, as críticas, as normas de polidez, do respeito aos turnos, da emissão de opinião, ou seja, os níveis de estruturação do texto falado. Resgatando Palma (2015), trabalhar com Educação Linguística, em suas diferentes pedagogias, “significa debruçar-se sobre o funcionamento da língua em uso e sobre a variação linguística, presentes em textos produzidos em situações reais de comunicação”.

### **Uma sequência didática da exposição oral**

Uma sequência didática deve começar com a explicação do gênero escolhido e seleção de estratégias necessárias para o trabalho: conceituação do gênero, suporte, situação para que ela seja a mais real possível para os alunos e possa ser operacionalizada. O estabelecimento do objetivo deve ficar bem claro e haver divisão do assunto para diferentes grupos. Ela pode constar de uma hora-aula ou de mais quantas forem necessárias, constituindo um dos módulos do trabalho.

A apresentação dos trabalhos é escolhida pelos grupos, podendo se utilizar de gravações, fotos, esquemas, som, tabelas etc, com a finalidade de dar vida à apresentação. Pode terminar com resposta à formulação de questões, porém, lembramos que todo trabalho de oralidade, sob o ponto de vista da Educação Linguística, deve ser bem planejado em, pelo menos, três etapas: **1ª) Planejamento:** estudar o gênero e seus objetivos, selecionar um tema e os membros do grupo; pesquisar os recursos linguísticos de uma exposição oral (coesão, coerência, seleção lexical, organização do texto) e explorar as relações entre fala e escrita, inclusive a forma de apresentação do trabalho; **2ª) Tarefas inerentes ao gênero escolhido:** ler jornais ou revistas, ouvir as explicações na grande mídia, anotando em um diário de pesquisa o que se ouve ou lê. Discutir o grau de cooperação dos participantes. Verificar o nível de linguagem: termos técnicos, gírias, estrangeirismos; discutir aspectos da fala, como gestualidade, tom da voz, silêncios e cadência da fala; estudar elementos relativos à polidez, incluindo as regras estabelecidas e aos chamados *atos de fala* (elogio, agradecimento, aceitação, discordância, ofensa entre outros); estratégias de argumentação (repetir, exagerar, uso de eufemismos, narrativas pessoais, comparações); reflexos das relações interculturais. (mal entendido, discordância, situações engraçadas); E a **3ª** e última etapa, *Execução da exposição oral:* arrumação do local, apresentação pessoal adequada, simpatia, boa capacidade de observação e facilidade de comunicação, interação face a face, respeitando o outro, sem emitir expressões de julgamentos, evitando-se o lugar-comum e clichês. Quanto às ações após

a exposição oral, o EnAp fará a avaliação do desempenho dos alunos para verificar se os objetivos foram alcançados.

A proposta de sequência didática da exposição oral sobre a Covid-19 pode ter elementos diferentes que são escolhidos pelo EnAp e ApEn, mas que pode ser seguida na íntegra ou reescrita, seguindo critérios da escola, do EnAp ou da classe, uma vez que o processo é interativo

O desenvolvimento de uma sequência didática geralmente se estrutura em uma produção chamada inicial e vários módulos,

A proposta de sequência didática da exposição oral sobre a Covid-19 pode ter elementos diferentes que são escolhidos pelo EnAp e ApEn, mas que pode ser seguida na íntegra ou reescrita, seguindo critérios da escola, do EnAp ou da classe, uma vez que o processo é interativo:

**Produção Inicial:** buscar matéria em fontes fidedignas. Como sugestão, indicamos o Manual elaborado pelo *Vydia Academics* (disponível na internet), plataforma de divulgação e educação científica criada por professores e alunos da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto, da USP, em parceria com o *Pretty Much Science*, projeto de divulgação científica que reúne cientistas de todas as partes do mundo para divulgar informações do universo da ciência de uma forma simples e compreensível; além de autoridades médicas, notícias em veículos confiáveis da mídia, autoridade da área da saúde, na comunidade, depoimento de alguém que tenha tido a doença ou algum membro da família.

**Módulo 1:** proposição de atividades que desenvolvam a habilidade de falar e escutar, preparatórias para produção de uma apresentação oral, fruto de uma pesquisa; coleta de informações com base no conhecimento já adquirido dos alunos sobre o tema; orientações quanto aos subtemas levantados nessa “conversa” para organização dos grupos e direcionamento da pesquisa. Exemplificamos com exercícios de diálogos com respeito aos turnos, questionamentos dos colegas, respeitando as regras de polidez, debates, vídeos curtos de exposição de aula, entre outras possibilidades. Ressalte-se que a exposição oral é um discurso que se realiza em uma situação bipolar, dirigida a um público específico visando a transmitir informações ou explicações relativas ao conteúdo com características próprias.

**Módulo 2:** atividades que reflitam os objetivos da pesquisa e da exposição oral sobre a Covid 19: nível de fala; postura corporal; tratamento pessoal e interação face a face.

**Módulo 3:** pesquisas sobre a COVID-19, em diferentes meios de divulgação. Orientações estão na Produção Inicial, acima.

**Módulo 4:** outras tarefas que se façam necessárias para o alcance do objetivo de uma pesquisa, que aborde um assunto da atualidade e da complexidade exigida pela escolha do tema, como planejamento da fala.

**Módulo 5:** produção de texto oral sobre o tema Covid 19, que será apresentado pelos diferentes grupos, respeitando a escolha dos subtemas. Os expositores poderão apresentar também material de apoio, de outras linguagens para maior compreensão da classe, que vêm ao encontro da proposta da Schneuwly (2004). Para ele, seria didaticamente razoável levar os alunos a construir exposições, não para serem lidas, mas que se apoiem em suportes escritos diversificados, anotações, gráficos, citações. A produção do aluno, sua progressão temática, suas marcações lexicais bem como suas estratégias podem e devem ser contextualizados com a forma como ele organizou sua exposição. O professor poderá auxiliar após ouvi-lo e também preparar uma fala nas mesmas circunstâncias.

**Módulo 6: A avaliação:** como somatória das diferentes atividades realizadas: **a)** escolha de um subtema significativo referente a essa epidemia; **b)** desempenho na apresentação oral do grupo, lembrando que a linguagem falada é mais informal do que a linguagem escrita, podendo o aluno fazer adaptações da linguagem escrita para a modalidade oral; **c)** apresentação de material de apoio para maior entendimento e fixação do conteúdo pelos colegas, como um *banner* ou de um resumo que se possa publicar no jornal eletrônico, blog ou *podcast* da escola; **d)** observação do efeito da exposição sobre os participantes; do alcance dos objetivos para um trabalho efetivo como gênero oral; **e)** autoavaliação dos grupos. **f)** proposta de produção textual escrita no gênero dissertativo, numa fase posterior, sobre algum aspecto das apresentações, para avaliação individual e como elemento integrador de diferentes práticas utilizadas: leitura, pesquisa e modalidade oral e para continuação de propostas de sequência didática de outros gêneros.

Em síntese, o trabalho envolve várias etapas, que colaboram, sobremaneira, nas ações de leitura, escrita e oralidade, por meio de uma sequência didática. Ela resulta em ensino-aprendizagem da língua materna mais produtivo e permite maior fluência na modalidade oral, bem como maior interação social e compreensão na leitura de textos orais e/ou escritos. Nesta proposta, podemos resgatar conhecimentos de práticas orais para a construção de textos escritos que surgem ao final do trabalho de uma sequência didática, pois o ApEn resgata as finalidades ou objetivos da atividade, permitindo que a oralidade e a escrita se misturem e se auxiliem mutuamente, na utilização de recursos linguísticos para reproduzir a oralidade ou a imitação de um modo de falar. Para uma didática que prioriza a expressão oral, é primordial

que se trabalhe com variadas práticas orais. Essa proposta promove um olhar para as atividades orais do ApEn que, nem sempre, são valorizadas, mas de suma importância, exigindo preparação e planejamento, sem deixar de lado as especificidades linguísticas permitindo também, assim, uma melhor qualidade da apresentação.

#### Esquema da sequência didática da exposição oral

<b>Objetivos<sup>4</sup></b>	Trabalhar em grupo, desenvolvendo a capacidade comunicativa do aluno e habilidades presentes na modalidade oral; ler textos orais, interpretando-os; reconhecer características e funções da exposição oral; utilizar-se de conhecimentos prévios da sociedade refletindo uma situação real, a Covid 19, e divulgá-los no meio escolar; realizar uma exposição oral; produzir um texto escrito sobre o tema estudado e transmitido oralmente.
<b>Conteúdos</b>	A importância da capacidade comunicativa dos alunos, na habilidade oral, por meio de aquisição de competências e habilidades no ato de falar/ouvir; pesquisa da pandemia atual: Covid 19, em diferentes fontes; exposição oral dos conteúdos pesquisados; produção de texto escrito sobre o tema, em etapas posteriores.
<b>Público-alvo</b>	Ensino Médio
<b>Tempo estimado</b>	Cerca de 8 a 10 semanas, dependendo do grupo-classe
<b>Material necessário</b>	Jornais, revistas, notícias, podcast, comentários falados ou escritos na telemídia, vídeo de exposição oral
<b>Gênero oral Escolhido</b>	Exposição oral do tema por grupos, <b>com avaliação dos grupos e auto-avaliação.</b>
<b>Atividade Opcional</b> Recomendável, prevista no conteúdo e nos objetivos propiciando uma nova sequência didática, fixando, na produção textual, as pesquisas feitas pelos grupos.	Elaboração de um texto escrito como avaliação final, que pode ser sobre uma dissertação se os objetivos do trabalho são sobre a oralidade. A avaliação deve ser feita na apresentação oral que os estudantes fizerem dos trabalhos que produziram.

Fonte: elaborado pelas autoras, baseado em Schneuwly (2004)

#### Considerações Finais

Segundo Palma e Turazza (2014), “propostas metodológicas para o ensino e a aprendizagem de conteúdos necessários ao domínio da Língua Portuguesa, por parte dos

<sup>4</sup> Nessa fase, os ApEn devem reconhecer significados de palavras, expressões e usos da língua e variações linguísticas orais, transformando textos escritos para um único texto oral, produzindo efeitos de sentido em situações adequadas de relatos, resumos ou esquemas.

aprendentes-ensinantes” estão contempladas na Educação Linguística, em suas diferentes pedagogias: da leitura, da escrita, do léxico-gramatical; da literatura, do digital e do oral, com a finalidade de torná-los ‘políglotas na própria língua’, conceito proposto por Bechara, em 1986 e todas elas se conversam. Este artigo, traz aspectos da **Pedagogia do Oral**, que se preocupa com que o ApEn desenvolva algumas habilidades e hábitos como respeitar a vez de falar e ouvir, fazer exposições orais, obedecendo as regras sobre essa pedagogia. A oralidade, segundo estudos recentes, é definida pelas trocas comunicativas realizadas em língua falada, que concretizam os gêneros orais. A Pedagogia do Oral pressupõe uma interlocução entre o locutor e seu(s) interlocutor(es), havendo a permuta de papéis para que ocorra o diálogo. De acordo com os PCN as atividades de escuta significam expor os alunos a situações reais de interlocução. Escolhemos como exemplo um tema bastante presente na vida de todos, a Covid 19 que tem sido tratado por todos os segmentos da sociedade brasileira, muitas vezes, polêmico, em função da sua própria natureza e do desconhecimento sobre o assunto.

Consideramos importante que os professores que atuam no Ensino Médio apropriem-se dos conceitos sobre Oralidade apresentados por diferentes autores, como Marcuschi (2001); Schneuwly e Dolz (2004). Aquele (op.cit.:17) afirma que o homem “pode ser definido como um ser que fala e não como um ser que escreve”, pois tanto a fala quanto a escrita significam realizações – oral e escrita – de uma mesma língua e os incorporem à sua prática no sentido de transpor esse conhecimento, resultando num trabalho eficaz e efetivo, preparando seu aluno para enfrentar os desafios que virão, logo após o término desse nível escolar, que é o mercado de trabalho.

As autoras procuraram mostrar um caminho para a pedagogia do oral no nível médio, como uma das práticas de linguagem. Não é fácil, porém, o trabalho com a oralidade na escola. Os próprios PCN afirmam que “*o trabalho com a modalidade oral encontra muitas resistências no interior da Escola*” (2000: 55). A partir desses pressupostos, ratificamos posicionamentos dos estudiosos citados de que Oralidade refere-se a uma das práticas sociais - considerando fala e escrita modalidades de uso de uma língua -, bem trabalhadas, preparam o ApEn para os desafios acadêmicos e profissionais. Concluimos nossa pesquisa, resgatando uma máxima, cujo autor desconhecemos: “sozinho não posso mudar o mundo, mas posso lançar uma pedra sobre as águas e fazer muitas ondulações”.

## Referências



ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática*. Por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BRASIL/CNE (1998) Diretrizes curriculares: ensino médio. In BRASIL/SEMTEC, *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Brasília; MEC/SEMTEC, p 59-118.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria da educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – 5ª a 8ª séries (ou 3º e 4º ciclos), 1998 – Língua Portuguesa*.

\_\_\_\_\_. Ministério da educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias/Ministério da Educação-Brasil: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.*

CARVALHO, Robson Santos de; FERRAREZI, Júnior, Celso. *Oralidade na Educação Básica – o que saber e como ensinar*. São Paulo: Parábola, 2018.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A Língua falada no ensino de Português*. SP: Contexto, 3ª. ed. 1998.

CASTILHO & PRETI, D. (orgs). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Diálogo entre dois informantes. Vol II São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP (1987).

CAVALCANTE, Marianne B. e MELO, Cristina T.V. de. Oralidade no Ensino Médio: em busca de uma prática. In BUNZEN, Clécio e MENDONÇA, Márcia (orgs). *Português no Ensino Médio e formação de professor*. SP: Parábola, 2006, p 181-198.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. (em colaboração com Haller, Silvie). **O oral como texto: como construir um objeto de ensino**. In SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In ROJO, R. & GLAÍS, S. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas-SP. Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard, Jean-François de e ZAHND, Gabrielle.- A Exposição Oral. In SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.p 215-246.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O.; AQUINO Zilda G.O. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. SP: ÁTICA, 1997.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da Conversação*. Trad. C. Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

LEAL, Telma Ferraz e GOIS, Siane (orgs). *A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão*. Belo Horizonte. Autêntica editora, 2012 (Coleção Língua Portuguesa na escola, 3)

LIMA, Ana e BESERRA. Sala de aula: espaço também da fala. In LEAL, Telma Ferraz e GOIS, Siane (orgs). *A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão*. Belo Horizonte. Autêntica editora, 2012 (Coleção Língua Portuguesa na escola, 3) p 57-72.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1986

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da Fala para a Escrita- atividades de retextualização*. SP: Cortez, 2001, 3. ed..

MELO, Cristina Teixeira Vieira de; MARCUSCHI, Beth; CAVALCANTE, Marianne, Bezerra. Esclarecendo o trabalho com a oralidade: uma proposta didática. In LEAL, Telma Ferraz e GOIS, Siane (orgs). *A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão*. Belo Horizonte. Autêntica editora, 2012 (Coleção Língua Portuguesa na escola, 3) p 95-114.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais, 2ª. Edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2000, volume 2.

MOLLICA, Maria Cecília. *A influência da fala na alfabetização*. 2ª. ed, Rio de Janeiro, 2000.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Sequência didática interativa – no processo de formação de formação de professores*. Petrópolis,RJ: Vozes, 2013.

PALMA, Dieli Vesaro; TURAZZA, Jeni Silva. *Educação Linguística e o ensino de língua portuguesa: algumas questões fundamentais*. São Paulo: Terracota, 2014.

PALMA, Dieli Vesaro; TURAZZA, Jeni Silva. Formação de professores e interdisciplinaridade na perspectiva da Educação Linguística. In BASTOS, Neusa Barbosa (org.). *Língua Portuguesa: aspectos linguísticos, culturais e identitários*. São Paulo; EDUC, 2012, pp. 145-164).

PRETI, Dino (org.) *O Discurso Oral Culto*. SP: USP/FFLCH, 1997. Projeto NURC/SP-Núcleo USP.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – 1ª a 4ª séries (ou 1º e 2º ciclos), 1997 – Língua Portuguesa.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS Parâmetros Curriculares Nacionais – 5ª a 8ª séries (ou 3º e 4º ciclos), 1998 – Língua Portuguesa.

PRETI, Dino. *Oralidade em textos escritos*. SP: USP/Humanitas, 2009- Projetos Paralelos, 2009.

SCHNEULY, Bernard e DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

## A PROPOSAL FOR THE OPERATIONALIZATION OF ORAL EDUCATION FROM THE POINT OF VIEW OF LINGUISTIC EDUCATION

### ABSTRACT

This paper is intended to make a study on Pedagogy of Oral, from the point of view of the Linguistic Education and presents a proposal of oral activity for High School. It was chosen to use **ApEn** and **EnAp**, expressions that correspond to **learner-teacher** and **teacher-learner**, used in the work of Palma and Turazza (2014:9), to refer respectively to the student and teacher who, according to them, emphasize “the active role of the student, who is responsible for their own learning and, at the same time that they learn, they also teach. Likewise, when referring to the teacher with the expression teaching-learner, it is emphasized that the teacher also learns from the students”.

**Keywords:** NURC. Linguistic Education. Oral Pedagogy. Following Teaching. ApEn & EnAp.

**Envio: novembro/2020**  
**Aceito para publicação: dezembro/2020**

VERBUM – CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO